

Estratégia Nacional da Federação da Rússia: aspectos geopolíticos

National Strategy of the Russian Federation: Geopolitical Aspects

Resumo: A Federação da Rússia almeja retomar e manter uma posição de ator político, econômico e militar de primeira ordem no âmbito do sistema internacional. Como parte de sua estratégia nacional, a Rússia vem utilizando sua capacidade de projetar poder para buscar a reconquista de seu protagonismo, aumentando sua influência internacional. Desafios, ameaças e oportunidades, decorrentes desse papel mais assertivo da Federação da Rússia devem ser percebidos pelos demais atores globais, inclusive o Brasil.

Palavras-chave: Conflito. Federação da Rússia. Geopolítica. Relações Internacionais.

Abstract: The Russian Federation aims to resume and maintain a position of political, economic and military actor of first order within the international system. As part of its national strategy, Russia has been using its ability to project power in order to seek the reconquest of its leading role, increasing its international influence. Challenges, threats and opportunities arising from this more assertive role of the Russian Federation must be understood by the other global actors, including Brazil.

Keywords: Conflict. Russian Federation. Geopolitics. International Relations.

Marco Antonio De Freitas Coutinho
Exército Brasileiro.
Brasília, DF – Brasil
coutinho.marco@eb.mil.br

Recebido: 05 set. 2019

Aprovado: 28 out. 2019

COLEÇÃO MEIRA MATTOS

ISSN on-line 2316-4891 / ISSN print 2316-4833

<http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/RMM/index>



Creative Commons
Attribution Licence

1 Introdução

Como parte de sua estratégia nacional, a Rússia vem utilizando sua capacidade de projetar poder para buscar a reconquista de seu protagonismo e influência no âmbito do sistema internacional. Considerando o conturbado histórico de conflitos regionais e globais que acompanharam a ação do Império Russo e da União Soviética, é de se esperar que o fortalecimento do nacionalismo na Federação da Rússia, capitaneado por seu atual Presidente, Vladimir Putin, provoque temores nos seus vizinhos europeus e nos Estados Unidos da América (EUA). Tais temores provocam ações e reações de parte a parte, levando a uma espiral ascendente de tensões geopolíticas, fazendo ressurgir o clima que caracterizou a ordem internacional no período da guerra fria, agora num contexto de um mundo multipolar.

O presente artigo tem o propósito de apresentar a postura geopolítica que vem sendo adotada pela Federação da Rússia, identificando as linhas mestras da estratégia nacional do país, executadas sob a liderança de Putin, assim como os possíveis óbices para que os objetivos estabelecidos sejam atingidos.

O estudo será apresentado com base em ampla pesquisa bibliográfica e documental, com ênfase em documentos oficiais do governo russo e outros elaborados por diferentes atores do sistema internacional.

Para o desenvolvimento deste artigo científico foi adotada a premissa de que a liderança estratégica de Vladimir Putin vem sendo exercida ininterruptamente desde o ano de 1999, por meio de dois mandatos como Primeiro-Ministro (1999 a 2000; 2008 a 2012) e 04 mandatos como Presidente (2000 a 2004; 2004 a 2008; 2012 a 2016; 2016 até os dias atuais). Neste sentido, a governança da Federação da Rússia a contar de 1999 será considerada como tendo sido exercida de forma harmônica e continuada, particularmente em relação à formulação das estratégias adotadas. Isso inclui o governo do Presidente Dmitri Medvedev (2008 a 2012), uma vez que a eleição deste teve como mentor e principal apoiador o próprio Vladimir Putin. Portanto, a gestão Medvedev será entendida como parte de uma mesma ação política geral.

Para uma melhor ambientação dos leitores quanto ao tema, será realizada uma revisão bibliográfica direcionada aos conceitos clássicos e contemporâneos da geopolítica, inclusive sob a perspectiva acadêmica russa. Também como etapa preliminar do presente estudo, será apresentado um histórico das ações geopolíticas executadas ao longo da existência do Império Russo, da União Soviética e dos estágios iniciais da Federação da Rússia (governo Yeltsin). Isso terá por finalidade identificar se as ações adotadas por Vladimir Putin representam uma continuidade ou ruptura em relação às estratégias adotadas em períodos anteriores.

A fim de melhor identificar as linhas mestras da estratégia geopolítica adotada na era Putin, será realizada uma abordagem sobre o desenvolvimento de aspectos relevantes das expressões política, econômica e militar do poder nacional da Federação da Rússia, particularmente quanto à atuação em questões relacionadas à segurança internacional e aos conflitos geopolíticos globais. Considerando o interesse geopolítico brasileiro, esta etapa do estudo também irá identificar as ações da política externa russa na América Latina.

2 Teorias clássicas e contemporâneas da geopolítica

As grandes guerras da história [...] são o resultado, direto ou indireto, da desigualdade de crescimento de nações, e esse crescimento desigual não é inteiramente devido ao maior gênio ou energia detidos por algumas nações, em comparação com outras; em grande medida é o resultado da distribuição desigual de fertilidade e de oportunidades estratégicas na face de nosso planeta. Em outras palavras, não existe na natureza a igualdade de oportunidades na face do nosso globo. (MACKINDER, 1919, p. 4, tradução nossa).

Segundo Flint (2006, p. 1-2), os geógrafos examinam o mundo por meio de uma perspectiva espacial, oferecendo novos pontos de vista sobre outras disciplinas. Para se entender a Geopolítica, segundo Flint, é necessário entender primeiramente a geografia humana. Ainda segundo ele, a geografia humana não é determinada por uma única perspectiva teórica, mas sim balizada por muitas delas.

De fato, as principais teorias das relações internacionais mostram-se relevantes para o estudo da geografia humana, da Ciência Política e, por extensão, da Geopolítica. Como exemplos, podem ser citados o realismo neoclássico, o liberalismo, o marxismo, o feminismo, o pós-colonialismo e as diferentes formas de pós-modernismo (CASTRO, 2012).

A importância da combinação entre a ciência geográfica e das ciências sociais para o estudo da geopolítica também já havia sido destacada por Halford John Mackinder (1919, p. 38, tradução nossa), considerado o pioneiro das referências teóricas nesta área, quando declarou que “a influência das condições geográficas sobre as atividades humanas dependeu, no entanto, não apenas das realidades de hoje, como são ou deveriam ser, mas cada vez mais daquilo que os homens imaginavam a seu respeito”.

Mas qual seria, portanto, a definição mais adequada para a Geopolítica?

Uma referência obrigatória é a obra “*Bausteine zur Geopolitik*”, capitaneada pelo teórico alemão Karl Ernst Haushofer, onde foi apresentada uma definição considerada clássica da Geopolítica, destacando nela o caráter determinista do espaço geográfico sobre os processos políticos:

A geopolítica é a ciência do condicionamento dos processos políticos pela terra. Baseia-se no amplo fundamento da geografia, especialmente da geografia política, como a ciência dos organismos e espaços políticos, assim como de sua estrutura. A essência das regiões, tal como é compreendida do ponto de vista geográfico, fornece o quadro para a geopolítica, no âmbito do qual o curso dos processos políticos deve prosseguir para que possam ser bem-sucedidos ao longo prazo. Embora a liderança política vá ocasionalmente chegar além deste quadro, a dependência da terra sempre irá eventualmente exercer sua influência determinante (HAUSHOFER et al. apud FLINT, 2006, p. 22, tradução nossa).

Observem que o conceito apresentado por Haushofer pode ser considerado bastante atual, uma vez que ele não limitou a influência das determinantes geográficas aos atores estatais (Estados Nacionais). De fato, as teorias contemporâneas das relações internacionais

também consideram como atores do sistema internacional os indivíduos, as famílias, grupos de protesto, corporações, Organizações Não-Governamentais (ONG), partidos políticos, grupos rebeldes e trabalhadores organizados e outros (FLINT, 2006, p. 25).

Flint (2006, p. 25, tradução nossa) procura também definir a geopolítica, mas coloca em dúvida o seu caráter científico, destacando que:

Constituíam o estudo, que alguns consideravam como ciência, de explicar e prever o comportamento estratégico dos Estados. Os Estados eram os agentes exclusivos da geopolítica. Este era o entendimento no período de geopolítica clássica, que discutimos anteriormente. Mas a compreensão contemporânea da geopolítica é muito diferente; de fato, as definições poderiam classificar toda a política como sendo parte da geopolítica, em um amplo entendimento de que nenhum conflito pode ser separado de seu contexto espacial.

Dodds (2007, p. 44), por sua vez, também não define geopolítica como ciência, considerando que a geopolítica deve ser entendida como uma forma de discurso, capaz de produzir e circular representações espaciais da política global. Neste sentido, a geopolítica pode ser aqui definida como o estudo (ou ciência) que visa explicar e prever os processos políticos levados a cabo pelos atores estatais e não-estatais, os quais são condicionados por determinantes geográficas.

Portanto, as ações políticas, econômicas e militares executadas por diferentes atores do sistema internacional podem ser condicionadas pelas características dos espaços por eles ocupados. A importância do potencial preditivo da geopolítica deve ser destacada, uma vez que esta característica é de extrema importância para o planejamento e avaliação de estratégias nacionais.

Outros conceitos também são fundamentais para o desenvolvimento do presente trabalho.

Um deles é o de que geopolítica deva ser estudada sob dois diferentes pontos de vista. Segundo Mackinder, estes seriam o “ponto de vista do homem do mar” (*seaman’s point of view*) (MACKINDER, 1919, p. 38, tradução nossa) e o “ponto de vista do homem da terra” (*landsman’s point of view*) (MACKINDER, 1919, p. 90, tradução nossa), sendo que o primeiro estaria diretamente relacionado aos países que desenvolvem prioritariamente seu poder marítimo em função de sua posição geográfica. Como exemplo, este seria o caso de Portugal no século XVI ou da Inglaterra nos séculos XVIII e XIX. O segundo caso estaria relacionado aos países que desenvolveram prioritariamente seu poder terrestre, como foi a Áustria no século XVIII ou a Alemanha no século XX.

Mackinder (1919, p. 98) também apresentou os conceitos de “Ilha do Mundo” (*world-Island*) e “Coração do Mundo” (*Heartland*). A Ilha do mundo corresponderia ao conjunto continental afro-eurásiano. Segundo descrição do próprio Mackinder (1919, p. 135-136, tradução nossa),

O Coração do Mundo, para o propósito do pensamento estratégico, inclui o Mar Báltico, os trechos navegáveis do médio e baixo Rio Danúbio, o Mar Negro, a Ásia Menor, Arménia, Pérsia, Tibete e Mongólia. Nele estaria incluído, portanto, a região de Brandemburgo-Prússia e a Áustria-Hungria, assim como a Rússia.

A figura 1 apresenta uma descrição visual da área imaginada por Mackinder. A área hachurada da figura 1 representa a adição das regiões relativas às bacias dos Mares Negro e Báltico, que haviam sido omitidas por Mackinder (1919, p. 130) na sua primeira definição de *Heartland*, constante da obra “*The Geographical Pivot of History*”, do ano de 1904 (MACKINDER, p. 130, fig. 24).

Figura 1 – Configuração do *Heartland*



Fonte: Mackinder (1919, p. 130).

O território da atual Federação da Rússia, portanto, se encontra no Coração do Mundo. Segundo Mackinder, quem dominar o Coração do Mundo, dominará a Ilha do Mundo, e em consequência, dominará o mundo.

Tais conceitos são amplamente utilizados pela academia russa, particularmente por Alexander Dugin, um de seus principais teóricos geopolíticos da atualidade, que se utiliza dos conceitos clássicos da geopolítica, ressaltando que não se deva concordar de antemão com as condicionantes que as teorias, ditas Anglo-saxônicas, podem atribuir à Rússia, pois é sempre necessário avaliá-las em vista da história e cultura locais (DUGIN, 2015, p. 2).

3 Evolução do comportamento estratégico da Rússia

A geopolítica russa é, por definição, a geopolítica do Coração do Mundo; geopolítica terrestre, a geopolítica do solo (DUGIN, 2015, p. 3, tradução nossa).

Em 1904, Mackinder proferiu um discurso na Real Sociedade Geográfica de Londres, e na ocasião ele apresentou o conceito de *Heartland* (Coração do Mundo), definindo por ele

como sendo a região do globo que caracterizaria “o pivô geográfico da história” (MACKINDER, 1919, tradução nossa). O território da Rússia contemporânea, que já foi parte do Império Russo e da União Soviética (URSS), está abrangido na referida região. É sempre bom lembrar que essa área geopolítica se distribuiria também pelos territórios da Escandinávia e da Europa Oriental.

Para Alexander Dugin, o *Heartland* não seria um conceito exclusivamente geográfico, mas possuiria também um “significado espacial” para as sociedades que se acham distribuídas nesta área, contribuindo para o estabelecimento de uma memória coletiva de pertencimento a uma “civilização da terra” ou “Telucracia” (DUGIN, 2015, p. 3). Essa observação de Dugin certamente nos remete ao conceito geopolítico do “ponto de vista do homem da terra” (*landsman’s point of view*).

Neste sentido, Dugin (2015, p. 1) ressalta que a compreensão da geopolítica russa somente será possível se for baseada no estudo da sociedade daquele país, presente e passada. Isso certamente nos permitirá construir um perfeito entendimento de como se desenvolveu uma vocação para o desenvolvimento do poder terrestre. Segundo ele, para se compreender o modo como o governo russo se relaciona com seu território, primeiramente a sociedade russa deva ser estudada em suas constantes estruturais, assim como também se deva estudar a formação e evolução do comportamento estratégico russo em relação ao mundo à sua volta.

Sob este prisma é que se considerou importante para o presente estudo a apresentação de um histórico das ações geopolíticas executadas ao longo da existência do Império Russo, da União Soviética e dos estágios iniciais da Federação da Rússia (governo Yeltsin), como veremos a seguir.

3.1 Comportamento estratégico no Império Russo (1721-1917)

A ascensão da Rússia como uma potência europeia está intimamente ligada à liderança representada pelo Czar Pedro I, o Grande (1672-1725). Focado em revolucionar os costumes, a cultura, as forças armadas e a política, Pedro identificou que deveria transformar a Rússia poderoso Império, e para tal identificou que o único caminho seria o de “abrir as janelas para a Europa” (MASSIE, 2015). Isso não se mostrava uma tarefa de fácil execução, pois a Rússia era um país atrasado econômica e socialmente, extremamente fechado para as relações exteriores.

Para tal, decidiu transferir a capital de Moscou para um local que permitisse o acesso direto à Europa, e isso demandou a criação de uma nova metrópole às margens do Mar Báltico, que veio a ser a Cidade de São Petersburgo. Mas isso ainda não seria suficiente, tendo determinado a criação e o desenvolvimento de uma Marinha de Guerra, que permitisse dar suporte às suas pretensões geopolíticas, expandindo a influência militar e comercial da Rússia para oeste.

O imenso potencial econômico detido pelo Império Russo permitiu que os objetivos sonhados por Pedro continuassem a ser buscados, mesmo após sua morte. De fato, a consolidação da Rússia como uma potência econômica e militar foi atingida por Catarina II, a Grande (1729-1796), seja por meio de conquistas militares, consolidação territorial e comércio. Segundo Lieven (2006, p. 9), o Império Russo foi responsável por um dos exemplos mais bem sucedidos de expansão territorial da história.

O apogeu do Império Russo se deu com a vitória sobre as forças napoleônicas na campanha de 1812. A entrada triunfal do Czar Alexandre I nas ruas de Paris, em 1814, e a realização

do Congresso de Viena, em 1815, registraram o ponto mais alto do esforço geopolítico empreendido pela dinastia Romanov. O Império Russo era, então, não apenas uma potência europeia, mas efetivamente liderava o processo político de então. As deliberações do Congresso de Viena resultaram na incorporação ao Império Russo da Finlândia, do Ducado de Varsóvia (atual Polônia) e da Bessarábia (atual Moldávia).

O processo de formação desse grande império continental pode ser considerado uma realização formidável, ao se levar em conta a localização relativamente desfavorável da Rússia, longe das grandes rotas comerciais e dos centros tradicionais de riqueza e civilização globais. De acordo com Lieven (2006, p. 15), a explicação Geopolítica para esse sucesso também estaria relacionada com o fracasso do Império Otomano, que proporcionou um vácuo de poder na Ásia Central e Cáucaso, espaço que também foi progressivamente ocupado pelo Império Russo.

Em que pese a ação do Czar Pedro, e seus sucessores, no sentido de formar e manter uma grande Marinha de Guerra, o Império Russo nunca se consolidou como uma potência marítima, nem mesmo estabeleceu qualquer estratégia para tal, de forma que pudesse vir a constituir um Império ultramarino, como o fizeram as demais potências europeias. Pelo contrário, sua única possessão extracontinental, o Alasca, foi vendida no ano de 1867 para os EUA, sob o temor de possível invasão britânica a partir do Canadá (LIEVEN, 2006, p. 564).

Por ocasião da queda da Dinastia Romanov, em 1917, o Império Russo efetivamente ocupava praticamente a totalidade do *Heartland*.

3.2 Comportamento estratégico na União Soviética (1918-1991)

Quando os Bolcheviques assumiram o poder eles acreditavam que o novo regime não necessitaria de uma política externa, e que o foco de sua atuação no campo internacional seria apenas a exportação de uma revolução mundial (KENEZ, 2006, p. 32). No entanto, logo tiveram um choque de realismo político, ao terem que negociar os termos de rendição russa na Primeira Guerra Mundial.

Por intermédio de delegação chefiada por Leon Trotsky, os Bolcheviques foram obrigados a ceder aos interesses das potências centrais (Império Alemão, Império Austro-Húngaro, Bulgária e Império Otomano) no Tratado de Brest-Litovski (1918). A negociação garantiu a sobrevivência do novo regime, mas sob o pesado custo representado pela perda da soberania sobre a Finlândia, os Países Bálticos (Estônia, Lituânia e Letônia), a Polônia e a Bessarábia, estabelecendo o que ficou conhecido como o “Cordão Sanitário” (KENEZ, 2006, p. 163, tradução nossa), que representou a criação de uma “zona de amortecimento” para a Europa ocidental, frente à ameaça representada pelo novo regime comunista russo.

Isso representou um momento de ruptura no comportamento estratégico russo, caracterizado pela renúncia do novo governo ao papel de potência europeia, assim como a perda da estratégica porção central europeia do *Heartland*.

A consolidação da URSS não foi um processo simples. A visão de qual seria a estrutura política e administrativa a vigorar no novo regime soviético ainda não estava claramente definida pela principal liderança bolchevique, Vladimir Lenin. Correntes voltadas pela manutenção de uma pre-

ponderância cultural e política russa se confrontavam com uma visão mais internacionalista, e que considerava os interesses dos diversos povos que constituíam o antigo Império Russo.

O modelo definitivo foi sendo esculpido no decorrer da Guerra Civil e se consolidou com o surgimento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, cuja primeira constituição foi promulgada em 1924 (quando foram criadas as Repúblicas Soviéticas da Rússia, Ucrânia, Bielorrússia e Transcaucásia) (SOYUZ SOVETSKIKH SOTSIALISTICHESKIKH RESPUBLIK, 1924).

A principal polêmica relativa ao estabelecimento das novas repúblicas esteve relacionada à definição de suas fronteiras, e que foram criadas artificialmente, num processo bastante semelhante ao verificado na definição das fronteiras no continente africano, o que resultaria num processo conflituoso por ocasião da dissolução da URSS a partir de 1991.

A eclosão da 2ª Guerra Mundial serviu como um catalizador para reestabelecer o comportamento estratégico tradicional russo. Segundo Dugin (2015, p. 21), durante o conflito mundial, as visões geopolíticas estavam perfeitamente representadas na aliança contra o Eixo: o *Heartland* estaria representado pela Rússia Soviética e o Poder Marítimo pelo Reino Unido e Estados Unidos.

As chamadas Conferências dos Três Grandes (Teerã, Ialta e Postdam) foram as ocasiões onde as principais lideranças aliadas – Stalin, Churchill e Roosevelt (Truman em Postdam, devido ao falecimento de Roosevelt) estabeleceram acordos para o desenvolvimento das estratégias destinadas à condução da guerra e para o pós-guerra.

A ação de Stalin nessas conferências pode ser considerada amplamente bem-sucedida, retomando o comportamento estratégico adotado durante o Império Russo. Como resultado, as fronteiras da URSS foram expandidas, assim como uma área de influência soviética foi estabelecida na Europa Oriental, o que constituiu um fator essencial para a consolidação da URSS como Potência Global no pós-guerra.

Sob a mão de ferro de Stalin, que impôs enormes sacrifícios à sua população, a participação soviética na execução da campanha militar aliada se mostrou fundamental, contribuindo decisivamente para a vitória contra as forças nazifascistas em 1945. A consequência dessa vitória foi o surgimento de uma potência global, dando origem à ordem internacional bipolar entre os EUA e a URSS, que caracterizou o pós-guerra.

Entretanto, isso não representou o reconhecimento da Rússia como uma potência europeia, muito pelo contrário. A ocupação soviética de parcela significativa da Alemanha, e de toda a Europa Oriental, ao tempo que reestabeleceu, e mesmo ampliou a área de influência russa no *Heartland*, resultou no estabelecimento de um processo de ações e reações que levaram ao surgimento da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e do Pacto de Varsóvia.

A mobilização do bloco europeu ocidental para a criação da OTAN pode ser bem resumida numa frase atribuída ao britânico Lorde Lionel Ismay, primeiro Secretário-Geral do órgão: “Manter a União Soviética fora, os americanos dentro e a os alemães por baixo” (NATO..., 2016, tradução nossa).

Em que pese o exercício de uma postura muito mais assertiva da URSS na disputa pela hegemonia global, a estratégia adotada nunca priorizou o poder marítimo, atestando a manutenção do viés prioritariamente voltado para o “ponto de vista do homem da terra” (*landsmen’s point of view*). De acordo com Dugin (2015, p. 27, tradução nossa), “cada ação foi direcionada para o fortalecimento do poder da Civilização da Terra, expandindo a governança soviética em sua zona

de influência e defendendo seus interesses estratégicos”. Alexander Dugin destaca que, durante todo o período soviético, uma consistente estratégia geopolítica eurásiana foi implementada.

O processo de dissolução da URSS teve como estopim as severas restrições econômicas geradas pela ineficiência do modelo estatal, as severas restrições políticas impostas pelas lideranças do Partido Comunista, assim como pelas reações, particularmente advindas das Repúblicas Bálticas, e que nunca aceitaram sua anexação, ocorrida durante a 2ª Guerra Mundial.

O Presidente Gorbatchov buscou, sem sucesso, reverter esse quadro por meio das políticas da Perestroika e da Glasnost, mas não foi capaz de evitar o fim da URSS. Dugin (2015, p. 33) considera que as políticas de Gorbatchov, na verdade, teriam levado ao desabamento do sistema global de influência estabelecido pelos soviéticos, cujo vácuo foi rapidamente ocupado pelos EUA e pela OTAN.

A autodestruição voluntária da URSS foi por muitos analistas caracterizada como obra da ação exercida pelas lideranças representadas por Gorbatchov e Yeltsin.

3.3 Comportamento estratégico no governo Yeltsin

Kenez (2006, p. 279) definiu a decisão de Yeltsin de proclamar a saída da República Socialista Soviética Russa da URSS como sendo um “salto para o desconhecido”. Além disso, sua opção por tentar implementar uma mudança de rumos baseada no que ficou conhecido como “Terapia de Choque”, não pesou as consequências desastrosas dessa decisão, seja para a economia, seja para a política, e seja mesmo para a segurança da nascente Federação da Rússia.

A atuação de Yeltsin teria sido uma absoluta exceção na história geopolítica russa. Segundo Dugin (2015, p. 34, tradução nossa), “Não somente o Sistema socialista foi destruído; mas o *Heartland* foi também destruído de dentro para fora”. Mais do que a vitória do Capitalismo sobre o Comunismo, a “independência” da Federação da Rússia, implementada por Yeltsin, teria representado a derrota da Civilização da Terra para a Civilização do Mar.

Em que pese serem adversários políticos, Gorbatchov e Yeltsin buscaram uma política de acomodação com as potências ocidentais, contribuindo para romper o comportamento “Eurasianista” adotado pela URSS, passando a buscar inserir a Rússia no modelo “Atlanticista”, liderado pelos EUA (DUGIN, 2015, p. 46).

O modelo de política externa adotado inicialmente pelo governo Yeltsin foi baseado no que se condicionou denominar “Doutrina Kozyrev”, em referência ao nome do Ministro das Relações Exteriores de seu governo. Segundo essa Doutrina, a unipolaridade global sob a liderança dos EUA deveria ser tomada como um fato consumado, somente cabendo à Federação da Rússia integrar-se ao mundo ocidental, a fim de obter uma posição favorável, dentro da medida do possível (DUGIN, 2015, p. 50).

Entretanto, o Presidente Putin observou essa estratégia por um prisma bastante diverso. No seu discurso do estado da união do ano de 2005, proferido para a Assembleia Federal russa, caracterizou o processo que levou ao colapso da União Soviética como sendo a “catástrofe geopolítica do século” (POSLANIE..., 2005, tradução nossa).

Na mesma linha do Presidente Putin, Dugin declara que mesmo as lideranças mais entusiastas da integração à Europa, tais como os Czares Pedro, Catarina e Alexandre II, atuaram deci-

sivamente para expandir o território russo. No mesmo sentido teria atuado Stalin, que a partir da experiência negativa de Brest-Litovski, logo passou a atuar no sentido do fortalecimento da URSS e a retomada da liderança na Europa central.

No dia 31 de dezembro de 1999, Yeltsin surpreendeu o país e o mundo ao anunciar sua renúncia. Segundo Kenez (2006, p. 299), a Federação da Rússia vinha sendo conduzida por um homem doente, e sobre o qual já havia passado a hora de entregar seu posto, uma vez que não estava mais no controle da situação.

4 A Federação da Rússia na Era Putin

Ao contrário de Yeltsin, cuja ideologia era o anticomunismo, Putin era um sintetizador. Embora se tenha distanciado do passado soviético e se dedicado, sem muita convicção, à ideia de democracia, percebeu que a história comunista de setenta e quatro anos não podia ser erradicada da memória nacional. (KENEZ, 2006, p. 300, tradução nossa)

Após o conturbado período do Presidente Yeltsin, coube a Vladimir Putin a tarefa de buscar a construção de uma identidade nacional russa. No poder desde 1999, revezando-se nos cargos de Primeiro-Ministro e Presidente, ele foi o grande responsável pela tarefa de reconstruir as instituições políticas, econômicas e militares, conduzindo a mudança do modelo comunista para uma economia de mercado.

É comum verificar-se a errônea percepção de que a Federação da Rússia ainda é um país comunista, ou mesmo que seu governo é de tendência esquerdista. Certamente, isso se deve ao fato do país ser a origem do movimento comunista internacional, e seu principal líder, Putin, ser um ex-agente da KGB.

Mas isso não reflete a realidade. As posições políticas do Presidente Putin, e sua base política, o Partido Rússia Unida, são basicamente direcionadas para o livre mercado e por uma linha mais voltada para o espectro da direita no campo da política.

Internamente, uma das marcas do Presidente Putin é o autoritarismo na governança do país, aproveitando-se das brechas constitucionais deixadas pela Constituição Federal (ROSSIYA, 1993), elaborada na gestão Yeltsin. Segundo Kenez, tal perfil poderia ser entendido como um passo necessário para sepultar a anarquia que caracterizou o governo Yeltsin (ROSSIYA, 1993, p. 301).

O Relatório da Conferência “Rússia e Eurásia 2020”, realizado pelo Conselho Nacional de Inteligência dos EUA, assim definiu o cenário representado pela Rússia da era Putin:

Os peritos regionais que participaram de nossa Conferência entenderam que os desdobramentos políticos da Rússia, desde a queda do comunismo, têm sido complicados pela contínua busca por uma por uma identidade pós-soviética. Putin tem incessantemente apelado para o nacionalismo russo e, ocasionalmente, para a xenofobia, a fim de definir a identidade russa. Seus sucessores podem muito bem definir a identidade russa destacando o seu passado Imperial e sua dominação sobre os vizinhos, mesmo que rejeitem a ideologia comunista (UNITED STATES, 2004, p. 74, tradução nossa).

4.1 Expressão Política

A Federação da Rússia continua sendo um país de dimensões continentais, abrangendo 11 (onze) fusos horários do globo terrestre, a se considerar o enclave de Kaliningrado. Sua organização política interna é complexa: são 22 repúblicas semiautônomas, 9 territórios ou Kraís, 46 províncias ou regiões autônomas (Oblasts), 3 cidades autônomas (Moscou, São Petersburgo e Sevastopol), 1 província autônoma (Província Judia) e 4 distritos autônomos (BLINNIKOV, 2011). Cada uma destas 85 subdivisões possui sua própria estrutura de governo, com variados graus de autonomia em relação à Federação, de acordo com o que prescreve a Constituição do país.

A política externa da Federação da Rússia é balizada, além de sua Constituição Federal (ROSSIA, 1993), por diversos documentos elaborados ao longo dos anos sob a direção do Presidente Putin. Os principais documentos que proporcionam um direcionamento geopolítico são a “Doutrina Militar” (VOENNAIA..., 2014), a “Estratégia Nacional de Segurança” (UKAZ..., 2015), os “Objetivos Nacionais e Metas Estratégicas até 2024” (THE PRESIDENT..., 2018).

A Estratégia Nacional de Segurança da Federação da Rússia foi emitida em 2015, e apresenta os interesses estratégicos nacionais da Federação da Rússia. A identificação de tais interesses é o ponto de partida para que se possa realizar a análise sobre a política externa russa na atualidade. Dentre eles se destacam (tradução nossa):

- o fortalecimento da capacidade de defesa do país, garantindo sua inviolabilidade;
- a estabilidade política e social, pelo desenvolvimento de instituições democráticas;
- a elevação dos padrões de vida para a população;
- a preservação dos valores culturais e das tradições morais e espirituais do povo russo (destaco nesse aspecto o crescente peso da Igreja Ortodoxa Russa nas decisões políticas e estratégicas do país);
- o aumento da competitividade da economia russa; e
- a consolidação da Federação da Rússia como potência mundial.

Para atender a esses interesses estratégicos, assim como balizar as políticas públicas do país, o governo russo elaborou, em 2018, o Decreto Presidencial sobre “Os Objetivos Nacionais e Metas Estratégicas até 2024” (último ano do atual mandato do Presidente Putin). Dentre as metas estabelecidas, destacam-se as seguintes (tradução nossa):

- assegurar um crescimento sustentável e natural da população;
- aumentar a esperança de vida para 78 anos (80 anos em 2030);
- assegurar um crescimento sustentável dos salários reais e pensões acima da inflação;
- reduzir a pobreza para metade;
- melhorar as condições de habitação (5 milhões de famílias/ano);
- aumentar o número de organizações envolvidas na inovação tecnológica para 50 por cento do total;
- acelerar a introdução das tecnologias digitais na economia e na esfera social (governo eletrônico);

- elevar a Rússia para uma das cinco maiores economias globais;
- modernizar e expandir as infraestruturas de base, desenvolver corredores de transporte Leste-Oeste e Norte-Sul, incluindo:
 - modernizar as autoestradas que fazem parte da rota de transporte internacional Europa-China;
 - aumentar a capacidade dos portos marítimos russos, incluindo os portos do Extremo Oriente, Noroeste, Volga-Cáspio-Azov-Mar Negro;
 - desenvolver a Rota do Mar do Norte e aumento do seu tráfego de carga até 80 milhões de toneladas;
 - reduzir para sete dias o tempo de transporte de contêineres em ferrovias e quadruplicar o volume de tráfego de contêineres ferroviários em trânsito entre a China Ocidental e a Europa;
 - criar centros multimodais de transporte e logística;
 - aumentar a capacidade das ferrovias do Baikal-Amur e Transiberiana em 50% (180 milhões de toneladas).

Documento anterior, elaborado ainda no ano de 2014, apresentava as principais ameaças à concretização dos objetivos da Estratégia Nacional da Federação da Rússia. Trata-se da “Doutrina Militar”, e que as define como sendo as seguintes (tradução nossa):

- desdobramento de forças da OTAN nas proximidades das fronteiras e águas territoriais da Federação da Rússia;
- desenvolvimento e instalação de sistemas de barreiras antimísseis e outros armamentos de destruição em massa que afetem o equilíbrio militar frente à Federação da Rússia;
- utilização de tecnologias de informação e comunicação com fins militares (Guerra Cibernética); e
- interferência nos assuntos internos da Federação da Rússia e seus aliados.

No que se refere à política interna, conforme já observado, o Presidente Putin encontra-se no poder desde o ano de 1999, liderando o partido por ele criado, o Rússia Unida. Nas duas últimas eleições presidenciais (2012 e 2018), Putin venceu por larga margem de votos, tendo obtido, respectivamente, os percentuais de 64% e 76,67% dos votos válidos (PUTIN’S..., 2019).

Observa-se que as eleições russas não são obrigatórias, e que os principais candidatos de oposição (particularmente Alexei Navalny) vem constantemente sendo processados judicialmente ou presos, impedidos de concorrer às eleições.

Ainda segundo pesquisas do Yuri Levada Analytical Center (PUTIN’S..., 2019), a aprovação do Presidente Putin, que havia obtido elevados índices (acima de 80%) após a incorporação da Crimeia (2014), vem sofrendo abalos a partir de 2017, estando atualmente na faixa dos 68%. Destaca-se o crescente nível de rejeição, já superando os 30%.

A queda de popularidade do presidente Putin pode estar relacionada à elevação do custo de vida e do desemprego, mas principalmente em decorrência da aprovação da reforma previdenciária realizadas nos anos de 2018 e 2019. Segundo Yalowitz e Courtney (2019), as recentes manifes-

tações contra o governo Putin estariam diretamente relacionadas às perdas salariais e ao impopular aumento da idade para aposentadoria.

Tais medidas de ajuste foram provocadas pelo desequilíbrio orçamentário russo, decorrente dos excessivos gastos em defesa e pela queda dos preços internacionais do petróleo, ocorrida nos anos de 2016 e 2017, e que afetaram a entrada de receitas no país, extremamente dependente das exportações de hidrocarbonetos. A recente elevação dos preços da *commodity* pode contribuir para a reversão desse processo, mas o futuro político do Presidente Putin pode se constituir numa incógnita, uma vez que não há espaço político para uma nova ação como a realizada na Criméia em 2014.

As relações com os EUA tenderiam a sofrer uma significativa melhora com a derrota da candidata Hillary Clinton nas eleições de 2016, porém, as acusações de interferência russa em prol do candidato Donald Trump geraram uma nova crise entre os dois países e vem contribuindo para um esfriamento no relacionamento entre os respectivos governos. Em que pese o ambiente desfavorável, Putin e Trump tem dado mostras de apaziguamento, particularmente nas ações realizadas no âmbito da Guerra na Síria e, mais recentemente, na proposta apresentada por Trump no sentido de readmitir a Rússia no âmbito do G7. A opinião pública russa vem discordando da posição do governo Putin frente aos EUA, tendo o índice de rejeição à política externa frente ao governo norte-americano atingido a marca de 43% (PUTIN'S..., 2019).

No que se refere aos fóruns multilaterais, a liberdade de ação do governo russo foi duramente afetada após a crise da Crimeia, quando diversas sanções foram aplicadas pelas potências ocidentais. Neste sentido, a participação russa nos BRICS passou a ser considerada de grande importância na política externa do país. No âmbito econômico, as relações com a China são fundamentais para a Federação da Rússia, e a participação do país na Organização de Cooperação de Xangai também possui grande relevância.

No que se refere à segurança internacional e à cooperação militar, a Rússia é a principal organizadora e incentivadora da Organização para o Tratado da Segurança Coletiva, e que envolve a participação de diversas ex-Repúblicas Soviéticas (Arménia, Cazaquistão, Quirguistão, Belarus, Tadjiquistão e Uzbequistão).

4.2 Expressão Econômica

A economia da Federação da Rússia é fortemente dependente das exportações de hidrocarbonetos (petróleo e gás natural), cujo destino principal são os países da Europa e China. Esta última vem aumentando significativamente sua participação na balança comercial russa, tendo absorvido no ano de 2018 um total de 12,5% das exportações do país (RUSSIA..., 2019).

No que se refere às importações, observa-se nos dados apresentados pelo *Hong Kong Trade Development Council* (2019), que a Federação da Rússia é um grande importador de máquinas e equipamentos (45% do total), revelando o fato de que a indústria soviética, uma das bases da economia da URSS, foi praticamente desmobilizada após 1991. Uma exceção a essa regra pode ser identificada no que se refere à indústria de armamentos, que vem se mantendo e modernizando como decorrência do volume de compras governamentais e exportações para países aliados, conforme pode ser verificado nos dados levantados pelo *Stockholm International Peace Research Institute* (GLOBAL..., 2019; SIPRI, 2018).

Com relação às exportações de gás natural para a Europa, grandemente dependente dessa *commodity* para o aquecimento residencial e industrial, observa-se que os países europeus possuem grande dependência do fornecimento oriundo da Federação da Rússia. Em conjunto, no ano de 2018, 42% das importações europeias de gás natural foram atendidas pela Rússia, conforme dados oficiais do Escritório de Estatísticas da União Europeia (Eurostat), sendo que o referido órgão aponta que economias importantes da União Europeia possuem dependência muito superior (Alemanha: de 50 a 75%; Áustria, Hungria e Polônia: de 75 a 100%) (EUROPEAN COMMISSION, 2019).

Uma rede de gasodutos para atender a essas demandas europeias têm sido exploradas e expandidas pela Rússia, reduzindo os custos operacionais, mas após a crise verificada na Crimeia, os países europeus vêm avaliando a conveniência de se manter tal dependência, mesmo que outras opções signifiquem aumentos consideráveis de preços.

O papel da China tem sido cada vez mais relevante no comércio mundial, e a Rússia tem procurado melhorar sua infraestrutura para permitir que produtos chineses possam chegar aos mercados europeus de forma mais direta, também reduzindo custos e tornando-os mais competitivos. Neste sentido, a construção e modernização de gasodutos, estradas de ferro e novas rotas de comércio marítimo tem sido um objetivo estratégico do governo russo.

Tal projeto, que vem sendo denominado “nova rota da seda” (que procura se inserir na estratégia chinesa que tem sido amplamente conhecida como *Road and Belt Initiative*), envolve também o desenvolvimento de novas rotas marítimas passando pelo Ártico. Tal possibilidade vem sendo explorada em função dos impactos do aquecimento global sobre a calota polar do norte, que progressivamente vem sofrendo degelo e permitindo um fluxo regular de embarcações comerciais, antes impeditivo.

A rota do Ártico vem sendo explorada desde o ano de 2017, e em função de ser realizada integralmente em águas territoriais, permite sua exploração pelo governo russo, inclusive com cobrança de taxas de navegação, ainda assim mais compensadoras que os custos devidos pelas empresas chinesas e europeias decorrentes do uso da tradicional rota pelo Oceano Índico, Estreito de Ormuz e Canal de Suez.

Nessas rotas tradicionais, não só as distâncias são bastante superiores, como as taxas são elevadas e há a ocorrência de pirataria, o que por si só já eleva significativamente o preço do seguro das cargas e embarcações. A região do Ártico é considerada, portanto, prioritária na estratégia nacional russa, inclusive no que se refere à sua ocupação militar.

Um grande desafio para a economia russa tem sido o crescente declínio populacional do país, tendência que vem se acentuando desde o fim da URSS. Segundo relatório do Programa de Desenvolvimento da ONU (UNDP, 2008, p. 129): “Nas próximas décadas a Rússia enfrentará um desafio sem igual e historicamente sem precedentes: o de lastrear altas taxas de crescimento econômico, a despeito do continuado declínio da população, inclusive da população economicamente ativa” (tradução nossa).

Tais perspectivas vem se confirmando nos dados estatísticos mais recentes, emitidos pelo Serviço Federal de Estatísticas Governamentais (FSGS) da Federação da Rússia, que apontou uma redução de 2% de população russa entre os anos de 2008 e 2017 (ROSSIA, 2018, p. 11).

Ainda segundo a UNDP, também o envelhecimento da população economicamente ativa é uma tendência preocupante, pois a percentagem de idosos na força de trabalho

tende a aumentar nas próximas décadas. Enquanto isso, se prevê que a percentagem de jovens (até 30 anos) vai declinar para menos de um quarto da população econômica ativa, o que seria absolutamente catastrófico para as pretensões do país em se tornar uma das cinco maiores economias do mundo.

Segundo o relatório *Mapping the Global Future: Report of the National Intelligence Council's 2020 Project*, emitido pelo Conselho Nacional de Inteligência dos EUA, “a Rússia tem o potencial para fortalecer seu papel internacional devido à sua posição como importante exportador de óleo e gás. Entretanto, a Rússia enfrenta uma severa crise demográfica, resultante de baixas taxas de natalidade, atendimento de saúde deficiente, e uma potencialmente explosiva situação da Aids” (UNITED STATES, 2019, p. 10, tradução nossa).

Isso tem levado o governo russo a um dilema: tradicionalmente com aversão ao incentivo às imigrações, elas passaram a ser essenciais para reverter esse quadro. A política russa tem sido no sentido de incentivar a imigração de trabalhadores das ex-Repúblicas, particularmente os que dominem o idioma russo, mas a demanda dificilmente será atendida apenas com essa medida (RAGOZIN, 2017).

4.3 Expressão Militar

O fim da URSS levou a uma crise sem precedentes no âmbito das forças militares do antigo Exército Vermelho, que teve seu arsenal nuclear mantido na Federação da Rússia, mas cujas forças convencionais foram rateadas entre as diversas ex-Repúblicas, num processo em que representou uma enorme queda na capacidade operacional de todos os Exércitos que tiveram que ser organizados a partir de 1991.

No que se refere à Federação da Rússia, as fortes restrições orçamentárias levaram a um sucateamento quase completo dos arsenais convencionais, aliado ao desestímulo completo para a adesão à carreira militar, em face dos baixíssimos salários e péssimas condições de trabalho. A maior parte do orçamento militar teve que ser direcionada à manutenção do enorme arsenal nuclear herdado pelo Exército Russo.

A partir da crise com a Geórgia, no ano de 2008, quando um conflito militar foi verificado numa disputa fronteiriça pela Ossétia do Sul, o Presidente Putin verificou que precisava investir em suas forças armadas (SMITH, 2013). Desde então um ambicioso projeto de reequipamento e transformação nas forças armadas tem sido levado a cabo. Além disso, o avanço da OTAN para as ex-Repúblicas soviéticas, temerosas de terem o mesmo destino da Geórgia, acentuou o temor das lideranças russas no sentido de que a segurança nacional estaria ameaçada sem uma capacidade dissuasória adequada.

Numa primeira fase, um grande esforço foi empreendido para a melhoria das condições das carreiras militares, assim como um programa de substituição de armamentos convencionais foi implementado.

Atualmente, novos armamentos estratégicos nucleares vem sendo desenvolvidos, com tecnologias modernas, para torna-los imunes a qualquer medida defensiva existente nos arsenais das potências ocidentais (escudo antimísseis): mísseis hipersônicos, mísseis com propulsão atômica, trajetórias não balísticas e alcance ilimitado, drones submarinos destinados a destruir a frota

de porta aviões norte-americanos, dentre outros, tem sido anunciados pelo presidente Putin como já estando operacionais.

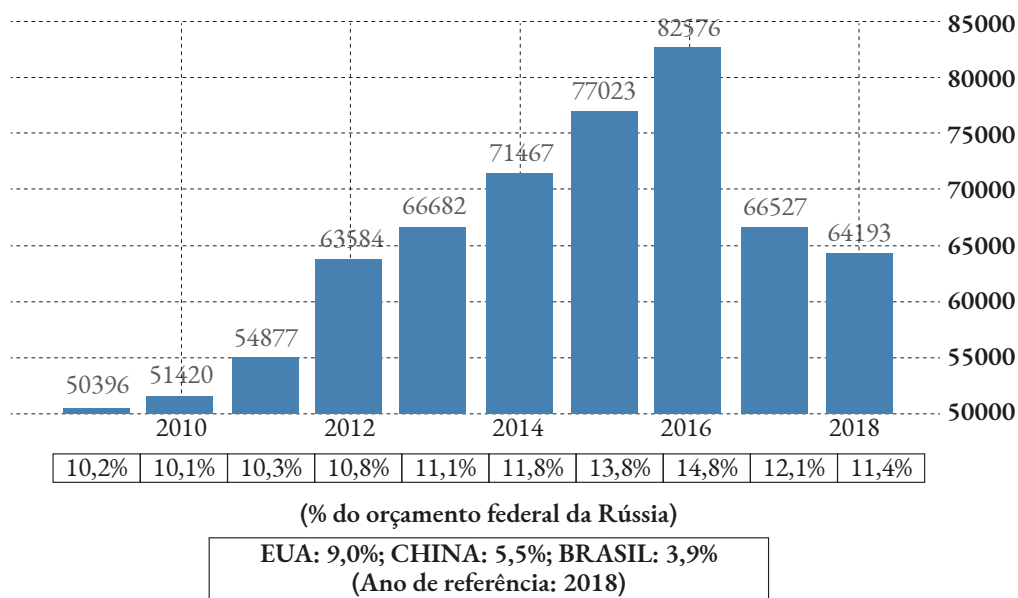
Recentemente, um incidente ocorrido na região de Arkhangelsk (no norte da Rússia) revela que um míssil de propulsão nuclear em teste teria sofrido um acidente e provocado um vazamento radioativo, aumentando as preocupações militares e ambientais no ocidente quanto a essas novas capacidades militares russas.

Para permitir o desenvolvimento desse ambicioso programa de reequipamento e transformação de suas forças armadas, o governo russo tem investido parcelas consideráveis de seu orçamento. O Gráfico 1 apresenta a evolução da estrutura orçamentária destinada aos gastos de defesa entre os anos de 2009 e 2018. Observa-se que ocorreu uma evolução ascendente até o ano de 2016, quando quase 15% do orçamento russo foi destinado às forças armadas, tendo o gasto se reduzido para 11,4% no ano de 2018. No mesmo ano, verifica-se que países como os EUA, China e mesmo o Brasil registraram índices significativamente inferiores, revelando o grande esforço ainda dispendido nesse projeto.

Entretanto, a queda nos preços do petróleo no mercado internacional, ocorrida a partir do ano de 2016, cobrou um preço elevado para as pretensões do Presidente Putin, forçando o governo russo a reduzir significativamente os gastos em defesa, uma vez que os demais encargos orçamentários estavam sendo prejudicados, o que se refletiu em diversas políticas públicas e programas sociais e, politicamente, iniciou o processo de queda de popularidade do Presidente.

Neste sentido, o programa de reequipamento foi reajustado em bases mais realistas, mas ainda se mantendo bastante elevado em comparação com outras nações, como já verificado anteriormente.

Gráfico 1 – Evolução comparativa da estrutura orçamentária (2009 – 2018)



Fonte: Stockholm International Peace Research Institute (2019).

4.4 Ações geopolíticas de impacto global

A ordem internacional estabelecida após o fim da URSS foi sendo moldada progressivamente para um modelo multipolar, onde diversos atores tradicionais, e outros em ascensão, foram ganhando peso político e estratégico.

No que se refere à Federação da Rússia, a leitura dos principais documentos de direcionamento geopolítico, já abordados no item 4.1., assim como outras fontes bibliográficas, nos permite identificar diversas áreas de interesse no âmbito da estratégia nacional russa.

Entretanto, para fins do presente estudo, serão abordadas as ações estratégicas da Rússia apenas nas seguintes questões geopolíticas:

- o Leste Europeu e o confronto estratégico com as Forças da OTAN;
- o conflito com a Ucrânia; e
- a intervenção militar na Síria.

Em que pese não ser uma área onde as ações geopolíticas da Federação da Rússia sejam prioritárias, serão abordadas também as ações realizadas pelo governo russo na América Latina, tendo em vista o interesse sobre o ponto de vista da política externa brasileira.

4.4.1 O Leste Europeu e o confronto estratégico com as forças da OTAN

Só pela afirmação da Rússia por si mesma como uma potência regional terrestre, em oposição ao Atlântico marítimo dos Estados Unidos e da OTAN, a Rússia pode sobreviver em qualquer sentido genuíno (DUGIN, 2015, tradução nossa).

No que se refere ao Leste Europeu, observa-se que a partir do conflito verificado entre a Rússia e a Geórgia no ano de 2008, um sinal de alerta foi irradiado para as ex-Repúblicas soviéticas, particularmente a Estônia, Lituânia, Letônia e a Ucrânia, assim como para países ex-integrantes do Pacto de Varsóvia, como a Polônia. Isto se deveu ao temor de que questões de fronteira mal resolvidas, assim como a existência de grandes contingentes populacionais russos nos respectivos territórios pudessem ser exploradas pelo governo da Federação da Rússia como motivações para conflitos e, eventualmente, para uma tentativa de expansão territorial russa. Neste sentido, verificou-se uma corrida para adesão desses países à OTAN.

Entretanto, o Tratado de Armas Convencionais na Europa, assinado em 1992, ao tempo em que permitiu a retirada dos expressivos contingentes soviéticos da Europa Oriental, também proibia a expansão de forças da OTAN para leste.

Não observando esse ponto do acordo, as lideranças das principais potências ocidentais (EUA, Reino Unido e Alemanha), deram sinal verde para as adesões de países ex-integrantes do pacto de Varsóvia ou da URSS. Isso gerou forte reação da Federação da Rússia, mas que foi amplamente desconsiderada pela OTAN, uma vez que a Rússia não possuía à época qualquer liberdade de ação para confrontar esse avanço em direção às suas fronteiras.

Uma outra medida de confronto foi a instalação do sistema de defesa antimíssil norte-americano de última geração na Polônia. Tal medida teria sido adotada pela OTAN, alegadamente, para estabelecer uma defesa contra possíveis ataques provenientes da Coreia do Norte e Irã. Mas essa medida foi entendida na Rússia como uma tentativa de quebrar o equilíbrio nuclear construído durante a Guerra Fria (o equilíbrio do terror), tornando obsoletos os mísseis nucleares russos.

Tais medidas, progressivamente, levaram ao governo russo a se decidir por investir pesadamente em novas tecnologias de mísseis, já descritas no item 4.3., assim como contribuíram para minar o arcabouço representado pelos diversos tratados e acordos de desarmamento e limitação de armas nucleares, duramente produzidos ao longo da Guerra Fria, e que foram a base para a segurança do sistema internacional.

Os cinco principais tratados celebrados com a URSS/Federação da Rússia foram os seguintes: Tratado de Mísseis Antibalísticos (1972), Tratado de Forças Convencionais na Europa (1992), Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário (1988), Tratado de Redução de Armas Estratégicas – *New START* (2011) e Tratado de Proibição de Testes Nucleares. Destes, apenas o Tratado de Redução de Armas Estratégicas ainda se encontra em vigor, o que certamente coloca a paz mundial num nível de risco nunca experimentado (NUCLEAR THREAT INITIATIVE, 2019).

4.4.2 O conflito com a Ucrânia

Com relação à Ucrânia, destacam-se os conflitos decorrentes do golpe de estado que derrubou o Governo Pró-Rússia do Presidente Yanukovich, ocorrido após os chamados protestos da Praça Maidan, nos anos de 2013 e 2014. A reação da Rússia foi bastante forte, diferentemente do que havia sido verificado em relação à outras ex-Repúblicas Soviéticas. O entendimento geral é de que a Ucrânia possa ser considerada a “linha vermelha” estabelecida pela Federação da Rússia para o avanço das forças da aliança atlântica (GADDY, ICKES, 2014).

A reação empreendida pela Rússia não tardou a ser executada em relação à Ucrânia, seja pelo processo de anexação da Criméia ou, ainda, pelo apoio explícito ao separatismo de regiões de maioria russa na região do Donbass.

No que diz respeito à anexação da Criméia, ato não reconhecido pela comunidade internacional, e que resultou em diversas sanções contra o governo e autoridades russas, se avalia que a posição do governo russo dificilmente será revertida, com grandes consequências para a parte ucraniana, especialmente no que se refere à perda de importantes e necessárias reservas de gás natural, existentes na zona marítima econômica exclusiva da Criméia.

Da mesma forma, o acesso ao Mar de Azov passa a ser controlado pelo governo russo no Estreito de Kerch, onde foi recentemente inaugurada uma extensa ponte rododiferroviária ligando a Criméia ao território Russo. O controle russo do tráfego marítimo no Estreito de Kerch limita ou mesmo isola o acesso aos portos ucranianos localizados no Mar de Azov.

A recente eleição do Presidente Zelensky na Ucrânia representou uma derrota para as correntes políticas ucranianas mais radicais no trato das relações com a Rússia (representadas pelo

ex-Presidente Porochenko), mas ainda se aguarda um posicionamento do novo governo para a forma em que a crise vai ser conduzida a partir de agora.

O conflito com a Ucrânia também envolve o destino da região do Donbass, onde a população de maioria russa iniciou um processo de busca por maior autonomia ou secessão, provavelmente com forte apoio político e militar da Federação da Rússia.

Neste sentido, foram estabelecidas duas autoproclamadas Repúblicas na região: A República Popular de Donetsk e a República Popular de Lugansk. A consequência mais direta dessa ação na Ucrânia é certamente a impossibilidade de que o país possa se associar à OTAN, uma vez que as normas da Aliança não permitem a adesão de países onde haja conflitos em andamento.

Certamente, é de interesse russo que essa questão se transforme em mais um “conflito adormecido”, como os verificados em outras situações semelhantes, tais como vem ocorrendo com as autoproclamadas Repúblicas da Abecásia e da Ossétia do Sul, que subsistem desde o fim da Guerra com a Geórgia.

A via diplomática vem se mantendo aberta para essa crise, particularmente por intermédio do chamado Grupo de Contato Trilateral (Rússia, Ucrânia e Organização para Segurança e Cooperação na Europa-OSCE), com base nos Protocolos de Minsk (2014).

4.4.3 A intervenção militar na Síria

A Síria constituiu um aliado de longa data da União Soviética, e que se manteve como parceira de primeira ordem da Federação da Rússia, que mantém bases navais e aéreas no país, viabilizando a ação do poder militar russo no Mediterrâneo.

A chamada Primavera Árabe, que varreu os governos autoritários de diversos países da região norte da África e Oriente Médio, também se fez sentir na Síria. A Rússia sempre defendeu a tese de que tais revoltas foram diretamente fomentadas e financiadas por potências ocidentais, e atuou fortemente para evitar que o regime aliado de Bassar El-Assad fosse removido do poder, o que certamente inviabilizaria a estratégica presença militar russa no país (SYRIA..., 2015).

Paralelamente, o governo russo também apoiou o governo sírio no combate às forças do Estado Islâmico (ISIL) que se faziam presentes e dominavam boa parte do território sírio. Esta última ação representou um alinhamento de interesses entre os governos dos EUA e Rússia, pois ambos buscavam eliminar a ameaça representada pelo Estado Islâmico (RUSSIA, 2016).

Outro ator importante nessa crise é a Turquia, uma vez que a mesma combate às forças Curdas que atuam na sua fronteira da com a Síria, e que tradicionalmente eram apoiadas por forças norte-americanas. A Rússia procurou aproveitar a complexidade desse conflito para provocar uma dissensão no seio da OTAN, buscando uma aproximação com o governo turco, que vem se configurando progressivamente.

O interesse russo na Síria não se limita aos aspectos militares, uma vez que o país, além de possuir consideráveis reservas de petróleo, se constitui numa passagem obrigatória para futuros oleodutos procedentes do aliado dos EUA na região, o Iraque.

Em termos especificamente militares, a participação direta de forças militares, aéreas e navais russas na Síria representou uma excelente oportunidade de emprego e adestramento de

novas doutrina e equipamentos militares, e que se mostraram essenciais para que uma situação quase perdida por parte do regime sírio fosse revertida em pouco tempo.

4.4.4 Ações na América Latina

Em que pese se constituir uma região de interesse secundário na estratégia geopolítica Russa, particularmente devido a dificuldades econômicas, operacionais e logísticas, a América Latina não vem deixando de receber atenção da política externa russa.

Na relação com alguns países, o interesse se fundamenta na possibilidade de criar situações de constrangimentos numa área de influência direta dos EUA (constituir-se numa “pedra no sapato”), que pode ser utilizada para regular a intensidade de ações estratégicas russas em reação a sanções e outras medidas adotadas pelo governo norte-americano e que contrariem os interesses russos. Esse parece ser o caso de Cuba, Nicarágua e Venezuela.

Da mesma forma que verificado na Síria, há interesse russo em preservar aliados históricos da URSS/Rússia, particularmente Cuba e Nicarágua, e que ainda se mantém em posição de confronto com os EUA nos dias de hoje. No caso específico da Venezuela, o interesse é o de evitar uma mudança forçada de regime em um país que vem se posicionando com aliado desde o governo de Hugo Chaves.

Segundo pesquisa realizada no âmbito do *Foreign Police Research Institute*, as principais áreas de intercâmbio com os referidos países latino-americanos são as seguintes (GONZALES, 2019):

- **Venezuela:** é o maior comprador de armas e equipamentos militares russos na América Latina. Cerca de 60% da exportação russa de hardware militar chegou a ser destinado à Venezuela (antes da crise venezuelana). No ano de 2019 foi intensificada a cooperação militar com o Governo Maduro, inclusive com o envio de assessores militares. Empresas de petróleo russas atuam no país.
- **Cuba:** ainda existe uma intensa cooperação militar-técnica com Cuba. Com a crise econômica pós-Guerra Fria, a Rússia limitou o fornecimento de peças sobressalentes e presta serviços de reparação para equipamentos de fabricação da antiga União Soviética. Estuda-se a recriação de uma base militar russa no país.
- **Nicarágua:** Durante a guerra fria, até 90% das armas e equipamentos militares da Nicarágua eram de produção soviética. Em 2015 foi assinado um tratado para permitir que navios de guerra russos entrem nos portos da Nicarágua, assim como um acordo para realização de patrulhas em águas costeiras

Entretanto, nem só de realismo político vive a política externa russa, e o país vem buscando aumentar sua cooperação comercial com países da América Latina e Caribe. Segundo estudo realizado por Gurganus (2018), o valor total do comércio entre a Rússia e a região atingiu a cifra de 12 bilhões dólares em 2016, o que representou um aumento de 44% em relação aos valores praticados no ano de 2006. O estudo ainda destacou que o Brasil e o México responderam por mais 50% do comércio da Rússia com a região no período analisado. Ainda segundo Gurganus, na

última década a Rússia teria realizado significativos investimentos em óleo e gás em países como o Brasil, Bolívia, México e, particularmente, na Venezuela.

No caso do Brasil, parceiro no âmbito dos BRICS, o estudo realizado por Julia Gurganus identifica que as relações comerciais bilaterais ainda são bastante dependentes da importação de carne brasileira e exportação de fertilizantes russos. No ano de 2016 o comércio Brasil-Rússia atingiu o volume de US\$ 4,3 bilhões. As empresas petrolíferas Rosneft e Gazprom vem ativamente buscando participar de projetos nas recentemente descobertas reservas do pré-sal brasileiro.

Já no que se refere ao campo militar, o estudo demonstra que a Rússia foi responsável, entre os anos de 2012 e 2017, por 7% das importações de armas pelas forças armadas do Brasil, tendo a Rússia fornecido helicópteros de ataque (Mi-35) para a Força Aérea Brasileira e realizado a instalação de um centro de manutenção para atender a logística de operação das referidas aeronaves no Brasil. A indústria militar russa também é uma tradicional fornecedora de mísseis antiaéreos portáteis para o Exército e a Força Aérea Brasileira (Míssil IGLA).

Há muito também se discute uma parceria mais assertiva na área espacial, particularmente para a obtenção de tecnologia destinada ao desenvolvimento de motores foguetes de propulsão líquida do programa espacial brasileiro, mas essa iniciativa ainda não se concretizou. Entretanto, a parceira na área espacial estaria ocorrendo, pois a Rússia já implantou quatro estações de seu sistema de posicionamento global (GLONASS) em solo brasileiro (GURGANUS, 2018).

Existe uma expectativa no sentido de verificar até que ponto a mudança política no Brasil nas eleições de 2018 pode influir nas relações com os BRICS, em geral, e com a Federação da Rússia, em particular. Assumindo a Presidência rotativa dos BRICS em 2019, o Brasil terá a oportunidade de apresentar sua nova orientação neste sentido, o que é ansiosamente aguardado pela diplomacia russa.

O mote escolhido por nossa diplomacia para o período da Presidência Brasileira foi o seguinte: “BRICS – crescimento econômico para um futuro inovador” (MOTE..., 2019). As questões ambientais podem ser debatidas nesse fórum, de forma a criar um posicionamento conjunto sobre tais temas, eventualmente fortalecendo a posição do Brasil no que se refere ao desenvolvimento sustentável na Amazônia Brasileira.

Caso a Rússia e os demais países do BRICS sinalizarem para um respaldo às posições brasileiras, as discussões com a União Europeia sobre questões ambientais e acordos comerciais entrarão em um novo patamar. Portanto, a posição da Rússia pode se mostrar relevante para o interesse geopolítico brasileiro.

Outros países da América do Sul também possuem relações bilaterais com a Federação da Rússia. O Peru, por exemplo, constitui um tradicional mercado para os produtos de defesa de fabricação soviética e russa, atualmente possuindo uma considerável frota de helicópteros russos de diversos modelos, também recebendo um centro de manutenção em seu território, com apoio técnico e transferência de tecnologia por parte dos parceiros russos.

Finalmente, a Bolívia também vem buscando estabelecer uma parceria estratégica com a Federação da Rússia. Neste sentido, foram assinados diversos Acordos de Cooperação nos últimos anos, inclusive para intercâmbio na área de energia atômica, com a possível instalação de um complexo de produção e pesquisa em território boliviano (ENERGÍA..., 2019).

5 Conclusão

No dia 27 de janeiro de 2018, Vladimir Putin comemorou dezenove anos de liderança à frente da Rússia, se tornando o governante mais longo do país desde Josef Stalin, superando o igualmente longo governante soviético Leonid Brezhnev.

Putin optou por não realizar qualquer comemoração pela passagem da data, o que seria comum no período soviético. Segundo Glasser (2019), Putin na verdade não gostaria de ser comparado aos líderes soviéticos, lembrados na Rússia como excessivamente autoritários e ineficientes, e cuja estratégia geopolítica, em última instância, resultou em fracasso.

Numa longa entrevista ao *Jornal Financial Times*, concedida no dia 27 de junho de 2019, Putin celebrou o declínio do liberalismo e do multiculturalismo ocidentais, modelo que as potências europeias vinham exportando há décadas para os demais países do globo.

Ao ser perguntado sobre qual seria o líder mundial que ele mais admira, Putin respondeu sem pensar: “Pedro, o Grande”. Ao ser questionado sobre o fato de que Pedro já estar morto, ele afirmou: “Pedro estará vivo enquanto sua causa também estiver” (PUTIN, 2019, tradução nossa).

Considerando que a causa de Pedro, o Grande, era a criação e o fortalecimento do Império Russo, quais seriam então as linhas mestras da estratégia nacional da Federação da Rússia, sob a liderança de Putin? Conforme se pode constatar ao longo do presente estudo, alguns pontos chamam a atenção para construir a resposta a esta questão:

- as áreas de interesse geopolítico principais estão incluídas ou nas proximidades da área delimitada por Mackinder como o *Heartland* (Fig. 1), e são basicamente a Europa Oriental, o Báltico, o Ártico, a região do Mar Negro e o Oriente Médio (Síria).
- Qualquer ação da OTAN na Europa Oriental e nas fronteiras da Federação da Rússia será considerada uma ameaça de primeira ordem;
- a retomada da corrida armamentista nuclear (com tecnologias avançadas) é uma aposta de alto risco, pois pode representar o fim do equilíbrio do terror, mas se constitui uma ação inevitável no contexto realista da estratégia russa;
- no plano multilateral, os BRICS têm grande relevância e continuarão a ser uma aposta na vertente multilateral da estratégia nacional russa;
- mantido o nível de desembolso orçamentário atual, a expressão militar da Federação da Rússia (convencional e nuclear) se constituirá até o ano de 2025 num suporte efetivo para a política externa, adquirindo capacidade de projetar poder para qualquer área do globo. O custeio de outras prioridades sociais, no entanto, pode ser comprometido; e
- o objetivo de se manter como uma potência militar global e tornar-se uma das cinco maiores economias do planeta constitui o grande projeto nacional, cujo custeio é basicamente mantido pelas exportações de hidrocarbonetos e o sacrifício de outras prioridades do orçamento público;

Foi possível identificar alguns possíveis óbices que podem afetar o desenvolvimento da estratégia nacional da Federação da Rússia, dos quais podemos destacar:

- crescente perda de força de trabalho, com a perspectiva de declínio populacional;
- baixa capacidade da indústria, que ainda não se recuperou do seu colapso, ocorrido ao fim da URSS. Neste sentido, identificam-se necessidades de elevados recursos para investimento em áreas como de desenvolvimento de fontes energéticas alternativas, domínio da aplicação de tecnologias sensíveis e adaptabilidade aos desafios da 4ª Revolução Industrial;
- a queda de popularidade do presidente Putin pode levar a uma instabilidade política interna, tornando incerto o futuro das estratégias traçadas no governo atual;
- a grande dependência dos preços internacionais do petróleo pode se constituir num grande óbice para o custeio dos investimentos previstos, seja na área de infraestrutura, seja particularmente na área militar, uma vez que as quedas nos preços do petróleo a nível mundial afetam diretamente a capacidade do governo russo de viabilizar seus projetos estratégicos; e
- o eventual surgimento de uma prolongada crise econômica global pode afetar diretamente as estratégias traçadas pelo governo russo.

Em que pese os óbices identificados serem consideráveis, observa-se que a Federação da Rússia vem investido pesadamente seu capital político, econômico e militar para ocupar uma posição de ator de primeira ordem no âmbito do sistema internacional, retomando a linha geopolítica assentada ao longo da existência do Império Russo e da União Soviética.

O governante ao qual Putin alimenta o sonho de algum dia se igualar é simplesmente o maior vulto histórico do país, fundador do Império Russo. Seu objetivo pessoal é ambicioso.

A causa defendida por Pedro, o Grande, é bom lembrar, envolvia a elevação da Rússia como uma potência euroasiática de primeira ordem. Ao assumir essa causa, Putin, como principal liderança russa da atualidade, adota um objetivo geopolítico igualmente ambicioso.

Ameaças e oportunidades devem ser percebidas e avaliadas pelos demais atores globais, inclusive o Brasil.

Referências

- BLINNIKOV, M. S. **A Geograpy of Russia and its Neighbors**. New York: Guilford, 2011.
- CASTRO, T. **Teorias das Relações Internacionais**. Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.
- DODDS, K. **Geopolitics: A very short introduction**. New York: Oxford University Press, 2007.
- DUGIN, A. **Last War of the World-Island: The geopolitics of contemporary Russia**. London: Arktos, 2015.
- ENERGÍA, gas, litio y agropecuaria marcan la cooperación Bolivia-Rusia. **Comunica Bolivia**, La Paz, ano 1, n. 62, jul. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2N4Fe24>. Acesso em: 10 out. 2019.
- EUROPEAN COMMISSION. Eurostat. **EU imports of energy products: recent development**. Luxembourg, LU: Eurostat, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/34gz9Fo>. Acesso em: 10 out. 2019.
- FLINT, C. **Introduction to Geopolitics**. New York: Routledge, 2006.
- GADDY, C. G.; ICKES, B. W. Ukraine: A prize neither Russia nor the West can afford to win. **Brookings**, Washington, DC, 22 May 2014. Disponível em: <https://brook.gs/337EPBy>. Acesso em: 2 jul. 2017.
- GLASSER, S. B. Putin the Great: Russia's Imperial Impostor. **Foreign Affairs**, New York, v. 98, n. 5, Sept.-Oct. 2019. Disponível em: <https://fam.ag/2C1qhY7>. Acesso em: 11 out. 2019.
- GLOBAL Arms Trade: USA increases dominance; arms flows to the Middle East surge, says SIPRI. **Sipri**, Stockholm, 11 Mar. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2JH9y0J>. Acesso em: 10 out. 2019.
- GONZALES, I. An Assessment of Russia's Military Presence in Latin America. **Foreign Police Research Institute**, Philadelphia, 18 June 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2BZdqpz>. Acesso em: 10 out. 2019.
- GURGANUS, J. Russia: Playing a geopolitical game in Latin America. **Carnegie Endowment for International Peace**, Washington, DC, 3 May 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2WxNOTf>. Acesso em: 10 out. 2019.
- KENEZ, P. **A History of the Soviet Union From the Beginning to the End**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

LIEVEN, D. (ed.). **The Cambridge History of Russia: Imperial Russia, 1689-1917**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. V. II.

MASSIE, R. K. **Pedro, o Grande: sua vida e seu mundo**. Barueri: Amarilys, 2015.

MACKINDER, Halford J. **Democratic ideal and reality: a study in the politics of reconstruction**. Nova Iorque: Henry Holt, 1919.

NATO – Declassified: Lord Ismay, 1952-1957. **NATO**, 3 Dec. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/36lLRVr>. Acesso em: 28 ago. 2019.

NUCLEAR THREAT INITIATIVE. **U.S.-Russia Arms Control in Peril**. Washington, DC: NTI, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2pzaQ6P>. Acesso em: 28 ago. 2019.

POSLANIE Federal'nomu Sobraniuu Rossiisoi Federatsii. Kreml', Moskva, 25 apr. 2005. Disponível em: <https://bit.ly/2PFQGCW>. Acesso em: 11 out. 2019.

PUTIN, V. Transcript: 'All this fuss about spies... it is not worth serious interstate relations'. [Entrevista cedida a] Lionel Barber e Henry Foy. **Financial Times**, London, 27 June 2019. Disponível em: <https://on.ft.com/322dfEx>. Acesso em: 14 out. 2019.

PUTIN'S Approval Ratings. **Levada-Center**, Moscow, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2WyW2Bc>. Acesso em: 28 ago. 2019.

RAGOZIN, L. Russia Wants Immigrants the World Doesn't. **Bloomberg**, New York, 14 Mar. 2017. Disponível em: <https://bloom.bg/2PNT7nd>. Acesso em: 28 ago. 2019.

ROSSIA. Kreml'. **Konstitutsia Rossiiskoi Federatsii**. Moskva: Kreml', 12 dek. 1993. Disponível em: <https://bit.ly/34qCuSx>. Acesso em: 14 out. 2019.

ROSSIA. Federal'naia Slujba Gosudarstvennoi Statistiki. **Rabotchaia Sila, Zaniatost' i Bezrabotitsa v Rossii**: ofitsial'noe izdanie: 2018. Moskva: FSGS, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2r245Lf>. Acesso em: 30 ago. 2019.

RUSSIA. Ministry of Defence. **Mission in Syria**. Moscow: Ministry of Defence, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2pzC39v>. Acesso em: 10 out. 2019.

RUSSIA: country profile. **HKTDC Belt and Road Portal**, Hong Kong, 18 June 2019. Disponível em: <https://bit.ly/34vMfir>. Acesso em: 28 ago. 2019.

SMITH, J. **Red Nations: The nationalities experience in and after the USSR**. London: Cambridge University Press, 2013.

SOYUZ SOVETSKIKH SOTSIALISTICHESSKIKH RESPUBLIK. **Konstitutsia (Oznovoi Zakon) Soiuza Sovietskir Socialistitcheskir Respublik. Utverjdena 2º Siedzdom Sovietov Soiuza SSR.** Moskva: SSSR, 31 yan. 1924. Disponível em: <https://bit.ly/337Lvj5>. Acesso em: 16 jul. 2017.

STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESEARCH INSTITUTE. **Military Expenditure Database.** Stockholm: Sipri, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2PDWTPW>. Acesso em: 28 ago. 2019.

SYRIA: Why Russia went in? **The National Interest**, Washington, DC, 8 Oct. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/323v5H3>. Acesso em: 10 out. 2019.

THE PRESIDENT signed Executive Order on National Goals and Strategic Objectives of the Russian Federation through to 2024. **Kremlin**, Moscow, 7 May 2018. Disponível em: <https://bit.ly/36uB0IT>. Acesso em: 28 ago. 2019.

UKAZ Prezidenta Rossiiskoi Federatsii ot 31 dekabria 2015 goda N 683 “O Strategii Natsional’noi Bezopasnosti Rossiiskoi Federatsii”. **Rossiiskaia Gazeta**, Moskva, 31 dek. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/325apOX>. Acesso em: 28 ago. 2019.

UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME. **National Human Development Report Russian Federation: Russia Facing Demographic Challenges.** Moscow: UNDP, 2008.

UNITED STATES. Office of the Director of National Intelligence. **Mapping the Global Future: Report of the national intelligence council’s 2020 project.** Washington, DC: NIC, 2004. Disponível em: <https://bit.ly/2qbXi18>. Acesso em: 11 out. 2019.

VOENNAIA Doktrina Rossiiskoi Federatsii. **Rossiiskaia Gazeta**, Moskva, 30 dek. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2qgfrL7>. Acesso em: 28 ago. 2019.

YALOWITZ, K.; COURTNEY, W. How Can the United States Support Democracies in the Former USSR? **The National Interest**, Washington, DC, 15 Sept. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2PE2yVS>. Acesso em: 10 out. 2019.